

Simpósio Temático 27

Adriana Angelita da Conceição
Universidade Estadual de Campinas

Título da Comunicação: Um bibliotecário de coração melancólico: Luís Joaquim dos Santos Marrocos e a prática de escrita de cartas

RESUMO: O português Luís Joaquim dos Santos Marrocos era funcionário da biblioteca da Real Ajuda quando presenciou decisivas mudanças em Portugal e que afetaram substancialmente sua vida. No início do século XIX, com a previsível invasão francesa, a família real portuguesa e alguns membros da corte deixaram a península ibérica e transferiram-se para a América. Com esta decisão, em março de 1808, chegaram ao Brasil acompanhados de distintos aparatos que pudessem fazer do Rio de Janeiro a nova sede da monarquia. Neste contexto, em junho de 1811, Luís Joaquim aportou no Rio de Janeiro com a segunda remessa de livros da biblioteca Real e passou a viver com o oceano Atlântico entre ele e sua família. Para diminuir a distância, Marrocos aliou-se à prática de escrita, enviando inúmeras cartas a Portugal. Deste modo, este trabalho se propõe a investigar algumas destas cartas – custodiadas na Biblioteca da Ajuda em Lisboa – pela perspectiva da História Cultural da Cultura Escrita, considerando as sensibilidades no tempo. Na década de 50, da centúria anterior, Lucien Febvre, ao propor que as sensibilidades fizessem parte das preocupações historiográficas, afirmou que a relação entre história e sensibilidade ainda era algo novo, o que todavia não deixa de ser. Portanto, nos propomos a analisar as sensibilidades partilhadas nas cartas do bibliotecário Marrocos, ao se deparar com o diferente, com os desassossegos da distância, com as melancolias e com as transformações políticas e socioculturais da cidade do Rio de Janeiro com a chegada da corte portuguesa. Investigaremos como Marrocos fez da prática subjetiva de escrever cartas uma oportunidade para expressar sentimentos, proporcionando-o momentos acalentadores de contato com o *eu* e com o *outro*, como quando escreveu ao pai em fevereiro de 1812: “*Rogo a V. M.^e se não esqueça de me escrever, m.^{mo} até p.^a me aliviar | a melancolia em que vivo continuamente (...)*”.